

## FRANCISCA IZIDORA: ENTRE A POESIA DE AMOR E O PROTESTO

Luzilá Gonçalves Ferreira  
UFPE

O nome de Francisca Izidora é praticamente desconhecido mesmo entre aqueles que, em Pernambuco, se dedicam à literatura. Pesquisando, em velhos jornais, a produção poética pernambucana, descobrimos esta professora romancista, teatróloga, conferencista poetisa e jornalista que, em finais do século XIX e começo do século XX, foi uma colaboradora assídua e atenta de diversos jornais no estado e fora dele. Nesse jornais, Francisca Izidora publicava seus poemas mas sobretudo artigos de crítica literária e de observação do quotidiano, da vida social, cultural e política em Pernambuco e no Brasil.

Professora primária em Vitória de Santo Antão da Mata, onde residiu nos últimos anos de sua vida, Francisca era uma espécie de sentinela e antena da pequena cidade, onde entretanto a presença de vários jornais diários ou semanais, atestavam de uma intensa vida cultural. Vitória, situada na Zona da Mata a 45 quilômetros do Recife e cercada de engenhos, era então uma cidade encantadora e progressista, como o afirma a própria poetisa. Em 1859 recebeu com grandes festas, a visita do Imperador Pedro II, que fora saudado no belo edifício colonial, onde ainda hoje se situa o Instituto Histórico e Geográfico.

Os poemas de Francisca Izidora se encontram dispersos em vários jornais de Pernambuco como *O Vitória*, *O Lidador*, *O Phanal*, *O Cabo*, *O Jaboatonense*, bem como de outros estados do Brasil, enquanto que seus artigos, nos quais ela exerce um olhar crítico sobre os acontecimentos, foram publicados nos dois principais jornais da cidade, *O Vitória* e *O Lidador*. Escritos paralelamente, à mesma época, estes dois tipos de produção apresentam entretanto traços fundamentalmente diversos, como se proviessem de diferentes pessoas. Enquanto que os poemas nos entregam uma visão romântica, suave, terna, amorosa, das coisas, da paisagem, dos sentimentos descritos, os artigos de jornal nos apresentam uma mulher vigorosa, exigente, lúcida, reivindicativa.

A poesia de Francisca Izidora se apresenta ao leitor antes como um espaço de evasão, de devaneio, de fuga da realidade, de sonhos frustrados. Nelas uma dupla tendência. Por um lado uma poesia fortemente influenciada pelo Romantismo e por outro lado uma produção de feitura parnasiana, na busca pela perfeição formal e até por alguns temas. Vejam por exemplo, o poema seguinte, que poderia ter sido escrito pelo jovem Casimiro de Abreu, intitulado “Tarde de Estio”:

*Era num bosque... eu vagava,  
E cismando me embrenhava  
No meio dos matagais,  
Como a criança indolente  
Que se perde docemente  
No jardim entre os rosais.  
.....  
No arroio quanto harmonia!  
No prado quanta poesia!  
Quantos requebros na flor!  
Quantos risos à natura!  
No peito meu, - que ternura!  
No coração, quanto amor!  
.....  
Como Hypatia, tão calma,*

*Eu tinha o infinito n'alma  
- Os céus, os astros, a luz  
No seio – poesia e amores,  
Hinos, crenças e flores!  
Na mente sonhos azuis!*

A poesia de inspiração parnasiana é de uma feição mais original, de uma forma mais cuidada, mas não foge à temática da época: os amantes são comparados a cisnes que flutuam num lago sempre calmo, sob a luz das estrelas. Sonham sempre em estar em outra parte, na ânsia de deixar a banalidade do quotidiano e viver em um mundo perfeito e harmonioso. Como nestas estrofes de “O Banhista”, publicado no *Almanak Litterario Perrnambucano* para o Anno de 1883:

*Vem! Dá-me tua mão! Voemos sobre as ondas  
Como cisnes talvez, levados pelo amor...  
Fica perto a cidade; o remo n'água afunda,  
Do frágil lenho seu, o tardo pescador.*

*Vamos sonhar também um lago de Veneza  
D'estrelas marchetado em noites de luar,  
As gôndolas, que passam nas águas iriadas,  
E o céu azul da Itália brilhando sobre o mar.*

.....  
*E o seio teu palpita sob a blusa de azul,  
Ora arquejante ou sófrego molhado pelo mar...  
Que estranhas harmonias! – O peito arfa de gozo  
-Tens n'alma alguma lira que fazes suspirar?(...)*

A produção jornalística de Francisca Izidora, publicada de modo continuado na imprensa local se quer, diferentemente de sua poesia, não um espaço onde fala o sentimento, o desejo de fuga, mas um olhar atento sobre o dia a dia da poetisa, engajada com a vida de sua cidade e de seu país. Desde a primeira crônica, que escreve na seção, intitulada “Ao correr da pena”, ela se outorga o título de cronista e descreve a tarefa que a aguarda. Lembra que as qualidades principais de um bom cronista são o discernimento e a fidelidade. E explica:

*Espírito fino, observador e penetrante na apreciação das falas que interessam,  
na escolha de trechos adequados ou salientes, de que faz um apanhado  
precioso, necessita igualmente de um cenário próprio e excitante, que possa  
desenvolver-se a jeito, expandindo-se livremente.*

Afirma que bem poderia falar apenas de seus sentimentos e impressões, mas isso só a ela interessaria. É assim que ela comenta, de modo vivo e inteligente, fatos da atualidade, livros que está lendo, como o último livro de Ignez Sabino, como Quo Vadis. Em 25 de setembro de 1901, falando sobre O Livro, ela lamenta a falta de editoras no Brasil, um país cujas inteligências, dignas de serem comparadas às melhores do mundo, não podem se expandir senão “nas colunas efêmeras dos jornais”. Aqui, só os ricos podem publicar porque pagam suas edições e os ricos são “justamente aqueles que menos importância legam às manifestações do espírito”. Para remediar a isso, os dirigentes da pátria deviam criar casas editoras em toda parte do país. Mas faz questão de salientar, como o fará num artigo para o jornal “O Phanal”, que a imprensa brasileira está entretanto empenhada “nesta campanha incruenta e gloriosa da pena contra a ignorância, combatendo em prol de uma causa simpática e atraente, a expansão da literatura pátria.” Atenta às necessidades de Vitória, ela lamenta que não haja ali uma bela praça onde as pessoas pudessem se encontrar, nem um grande local de reuniões cívicas e de festas culturais. Um incêndio havido num

estabelecimento comercial da cidade a deixa indignada Como uma grande cidade tal qual Vitória não possuía um corpo de bombeiros? Lembra que o Rio de Janeiro possuía um. E conclui irônica: mas o Rio é a capital, o Rio está no sul e no Brasil o sul tem o privilégio de ser protegido pelo Governo Como boa cronista, não falta a Francisca Izidora a capacidade de salientar a nota cômica dos acontecimentos, ou a leve ironia. Comentando um artigo publicado em jornal francês sobre um médico americano que recomendava três horas diárias de riso por dia, para os males estomacais e nervosos, ela lembra que o riso não vem espontaneamente e que só um néscio pode rir sem motivo. E conclui: “De dia em dia aparece uma nova descoberta, a revelação de um invento mais ou menos útil e os Estados Unidos é o país das excentricidades”. De igual modo, ela brinca com a notícia de casamento de uma atriz italiana aos 82 anos de idade. A sociedade não consente que os gênios vivam sob o mesmo teto, escreve, “*sem que sejam autorizados pela lei, ou santificados pela igreja. É o platonismo em ação, ou antes uma convenção social.*” Cita o autor de Quo Vadis: “*De fato a velhice vem depressa, porém com mais ou menos demora, segundo a vida que se leva, e há restos que Saturno parece esquecer*”. Francisca Izidora retoma essa expressão do romancista e acrescenta, entre jocosa e lírica: “*Pois bem, esses restos que Saturno esquece reunidos numa taça de ouro, embriagam às vezes como precioso licor. Ninon de Lenclos tinha 80 anos quando inspirou funesta paixão ao gentil cavalheiro De Villers, que suicidou-se por não ser correspondido.*”

A produção intelectual de Francisca Izidora está a merecer uma compilação e uma publicação. Ela é um testemunho vivo do duplo engajamento de muitas escritoras de sua época. A necessidade de exprimir um Eu, um ser único e sujeito de sua fala, e a urgência de se expressar enquanto uma cidadã, inserida numa comunidade e por ela de certo modo responsável: uma dupla e ativa voz.